

## ORGANIZAÇÃO DISCURSIVA NA PRODUÇÃO ESCRITA DE ALUNOS SURDOS

“Academia em Rede” – Comunicação

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Christiana Lourenço Leal<sup>2</sup>

### RESUMO

Apesar de ser ainda um universo pouco pesquisado, a escrita de alunos surdos há muito merece um olhar diferenciado por parte dos professores de Língua Portuguesa. É verdade que, ao longo dos anos, muitas pesquisas se apresentaram acerca na organização linguística da Libras (Língua Brasileira de Sinais) e, em menor número, de estratégias de leitura/ensino de Língua Portuguesa para estudantes surdos. Há, entretanto, uma lacuna quando se trata do estudo do texto produzido em Língua Portuguesa por esses estudantes que têm a Língua de Sinais como primeira língua. No início das pesquisas sobre o texto, a língua era vista como a representação do pensamento de um sujeito psicológico, individual, dono de suas vontades e ações. Era a concepção de sujeito “assujeitado” pelo sistema que, nas palavras de Koch (2006) [em *Desvendando os segredos do texto*, 2006], não se adequa mais à noção de língua como “lugar de interação”. A verdade é que sujeito algum está sozinho no mundo, uma vez que é um indivíduo historicamente situado. O sujeito é, por assim dizer, um ser social, interativo, que se constrói nas relações com outros sujeitos e com o mundo. Então a língua não pode mais ser analisada como produção individual, mas sim social. Dessa maneira, a função do texto é materializar o mundo que cerca os interlocutores envolvidos em determinado discurso. O texto, mais que um lugar de interação, é a maneira de representar o mundo por meio da língua. No caso específico dos estudantes surdos brasileiros, essa questão demanda especial atenção: a língua com a qual esses indivíduos representam o mundo, sua primeira língua, é a Libras; entretanto, seu texto escrito é produzido em segunda língua, a Língua Portuguesa. Na atividade de retextualização (cf MARCUSCHI, 2001)<sup>3</sup> promovida a cada texto escrito pelo surdo, interseções, semelhanças e diferenças entre a Libras e a Língua Portuguesa precisam ser

<sup>2</sup> Professora do segundo segmento do Ensino Fundamental do INES (SEF2/COADE/DEBASI/INES). E-mail: christiana.leal@gmail.com.

<sup>3</sup> MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

consideradas. Segundo Quadros e Karnopp (2004:48)<sup>4</sup>, as Línguas de Sinais possuem os mesmos princípios subjacentes de construção que as línguas orais. Ambas possuem um léxico, isto é, um conjunto de símbolos convencionais e uma gramática, isto é, um sistema de regras que regem o uso desses símbolos. Entretanto, ainda que a Libras e a Língua Portuguesa possuam os mesmos princípios de construção, as duas línguas são organizadas de maneira bastante distinta e tal distinção tem como reflexo alguns problemas na organização discursiva dos textos escritos em português pelos alunos surdos. O fato é que a estrutura específica da Língua de Sinais acaba influenciando a construção de frases em Língua Portuguesa. A partir da análise de textos narrativos produzidos por alunos surdos, nosso objetivo neste trabalho é identificar de que maneira o modo de organização do discurso da Libras e suas particularidades influenciam a produção de textos escritos em Língua Portuguesa pelos surdos. Além disso, pretendemos apontar na direção de estratégias de ensino de português como segunda língua, levando em conta a estrutura própria da Libras e suas possíveis comparações com a organização discursiva da Língua Portuguesa. O objetivo de nossa pesquisa é comprovar que o conhecimento metalinguístico da língua de sinais e o de sua organização discursiva exercem substanciais influências sobre a produção escrita desses sujeitos.



ASSISTIR A PALESTRA  
EM LIBRAS E PORTUGUÊS

---

<sup>4</sup> QUADROS, R. & KARNOPP, L. *Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.